

TORDO, João (2010). *O Bom Inverno*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Um Romance Policial ou de Personagem?

Emanuel Silveira Rosa

Escola Superior de Educação- Instituto Politécnico de Bragança

meme_rosa@hotmail.com

O escritor português João Tordo nasceu em Lisboa em 1975. Vencedor do Prémio José Saramago é um dos mais relevantes nomes da literatura portuguesa contemporânea. É um autor interessante e carismático, que, com o intuito de criar uma relação de intimidade entre o leitor e o narrador, “encarna” na personagem principal desta obra. Sendo um autor frustrado e hipocondríaco (pensamos que se baseia na série televisiva *Dr. House*, pois, à imagem desta personagem televisiva, fica coxo e tem de se auxiliar com uma bengala), manifesta dificuldades de viajar até qualquer parte. Mas, a necessidade económica leva-o a encarar uma viagem até Budapeste, para um Encontro Literário, mesmo estando longe de imaginar onde a literatura é capaz de o poder “levar”.

Aí conhece um escritor italiano, Vincenzo, homem pouco sensato, que o convence a fazer uma viagem da Hungria até Itália, onde um produtor de cinema tem uma casa num bosque isolado para lá passar a época de verão.

O livro *Bom Inverno* não nos dá claramente uma resposta à pergunta, mas nos primeiros capítulos somos tentados a considerar que se trata de um romance policial, pois apresenta vários “ingredientes”: há um homicídio, suspeitos e um louco que quer fazer justiça pelas próprias mãos. Afirmaríamos que se trata de um *suspense* poético, com “balões de ar quente” à mistura.

Os enigmas que sucedem no enredo não se prendem tanto com a descoberta do assassino de Don Metzger, protagonista desde o início da história. O homicídio de Don serve basicamente para sustentar uma situação narrativa de tensão emocional em que aquilo que se procura é uma verdade humana, tanto como ficcional.

A ação inicia-se em finais da primavera e prolonga-se pelo verão e desenvolve-se, sem pausas, ao longo de quatro partes do livro e a história encaminha-se para uma sucessão de episódios de suspense, num ambiente de terror claustrofóbico em que se vê envolvido um grupo de personagens relacionadas com o mundo do cinema e da literatura.

Algumas das personagens da obra vêm de anteriores romances, o que estabelece uma linha de continuidade em que o intratexto se reveste de grande importância. Numa entrevista dada ao

Jornal de Letras, Artes e Ideias, o autor afirmou: “É na fronteira ténue entre a realidade e a ficção que eu gosto de me situar. O que me permite criar uma ficção para a pessoa que lê, sem que ela saiba exactamente os limites da verdade, e ao mesmo tempo transformar o romance numa aventura de mim próprio” (2010: 14).

A motivação das personagens é sempre muito mais complexa do que aparenta e, ao longo da obra, abordam-se os medos de cada um deles em temas como: o amor, a liberdade criativa ou a metafísica, através de sonhos e visões bem orquestradas do protagonista.

Neste livro, o leitor depara-se com um inominado protagonista cuja identificação com o autor empírico resulta de critérios profissionais (guionista e escritor), biográficos (idade; participação num congresso de escritores em Budapeste e de aí ter conhecido um escritor italiano e de ter visitado Sabaudia). Na citação que se segue, deixam-se entre parêntesis as obras reais do autor empírico que correspondem ao enunciado ficcional do narrador:

À parte, ia mantendo uma carreira literária e, no Outono de há dois anos publiquei o meu terceiro romance [“As Três Vidas”, Setembro de 2008], (...) tal como os dois primeiros [“O Livro dos Homens sem Luz” e “Hotel Babilónia”], de um gritante pessimismo, tão gratuito que muitos leitores o abandonavam ao fim de umas quantas páginas, alegando que a realidade já era suficiente macabra – no meu primeiro livro, por exemplo [“O Livro dos Homens sem Luz”], um homem cuja família morria num incêndio fechava-se num apartamento londrino e começava a coabitar com fantasmas, falando sozinho e perseguindo vultos de cuja existência duvidava (Tordo, *op. cit.*, p.14).

O livro, intitulado *O bom Inverno*, não é um romance policial, nem é uma história de crime, pois não nos ensina nada, nem aparenta ter uma causa social. Na verdade, trata-se de um “estudo de personagens”, em torno de doze pessoas fechadas num bosque isolado, personagens muito diferentes entre si, como se o próprio autor as quisesse descobrir e ver como se comportavam em condições extremas.

No romance de Tordo há coisas de que não se tem a certeza, pois existem algumas clivagens entre o real e o fictício. Esta narrativa representa aquilo que se tem feito no domínio da autoficção: o romance anuncia aquilo que está para vir ou o que já está a acontecer sem que se suspeite.

Concluimos que se criam boas respostas em torno deste romance, que apresenta um vocabulário acessível a qualquer leitor, e uma estrutura clara e fácil de compreender.

O *Bom Inverno* é um excelente romance negro que, apesar do seu estilo clássico, não deixa de surpreender o leitor, pelo seu final inesperado.

Referências:

JL, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano XXX, nº 1041, 25 de Agosto a 7 de Setembro de 2010, p.17.
TORDO, João (2010). *O Bom Inverno*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.